



FARIA, Alessandra Ancona de. A escrita espetacular como aproximação para fazer e ensinar teatro. São Paulo: MASP – Museu de Arte de São Paulo. Pós-doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP com supervisão de Ana Angélica M. Albano.

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre formação de Agentes Culturais na cidade de São Paulo, especificamente sobre a proposta teatral realizada com três grupos no decorrer de oito encontros cada. Os conceitos explorados foram: o sentido de fazer e assistir teatro; a casa teatral entendida como locais de representação; a cenografia como possibilidade de transformação do espaço; as luzes em cena; a composição sonora de um espetáculo e a composição de figurino. Tais conceitos foram abordados tendo como proposição a improvisação, pautada nos jogos teatrais, somada à escrita espetacular, que assim se define por ser uma escrita baseada nos diferentes aspectos da montagem teatral, o que inclui uma elaboração que parte da ação dramática e dos diálogos possíveis entre os personagens, mas também dos demais elementos da montagem teatral. A improvisação e a escrita partem da reflexão sobre o sentido do teatro e sobre as memórias de cada participante de diferentes situações cotidianas. Entende-se que tal aproximação permite um questionamento sobre o ensino de teatro, tendo como referência fundamental a relevância da experiência de criação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita espetacular, pedagogia do teatro, improvisação.

### **ABSTRACT**

This paper presents a reflection on the formation of Cultural Agents in São Paulo city, specifically on the proposal held with three theatrical groups during eight meetings each. The concepts explored were: the sense of doing and watching theatre; the theatre house understood as a place to play; the scenography as a possibility of transformation of space; the lights in the scene; the sound composition of a spectacle and the composition of costumes. Such concepts were addressed with the proposition of improvisation, based on theater games, combined with the play writing, which thus sets out to be a writing based on different aspects of the play, which include an elaboration that is based on a dramatic action and possible dialogues between the characters, but also of other elements of the play. Improvisation and writing are based on a reflection on the meaning of theatre and about the memories of every participant on different everyday situations. It is understood that such approach allows a questioning about the teaching of theatre, with reference to the fundamental relevance of authoring experience.

**KEYWORDS:** Play writing, pedagogy of theatre, improvisation

A proposta de trabalho aqui apresentada teve o intuito de desenvolver um curso de teatro que possibilitasse aos formadores culturais uma ampliação do entendimento do sentido de ensinar teatro com uma prática teatral, possibilitando desta maneira uma experiência com criação em teatro e não somente sua compreensão teórica. Desenvolvida no Museu de Arte de São Paulo, em 2011, como parte da formação oferecida para Agentes Culturais, o

curso de teatro foi um dos cursos que compunha a formação, sendo os demais: linguagem de cinema e vídeo, música brasileira e mediação para públicos diversos, história da arte e desenho.

Organizado em oito encontros de quatro horas de duração cada, o curso de teatro foi organizado de forma a abordar o conceito de encenação e improvisação; dramaturgia; espaço teatral; cenografia; figurino; sonoplastia; iluminação e por fim compreender possibilidades do ensino de teatro. Todos estes conceitos foram abordados com a prática de jogos somada a escrita espetacular e a reflexão sobre o processo criativo experienciado, somado a informações históricas que possibilitassem uma ampliação da compreensão dos mesmos.

O relato desta proposta trará a forma pela qual ela se desenvolveu e a criação dramática de uma das participantes, para que seja possível analisar maneiras de apropriação desta metodologia e o quanto a mesma possibilitou que os objetivos propostos fossem alcançados.

O primeiro encontro se iniciou com a realização dos jogos apresentados na sequência juntamente com seus objetivos. A escolha por apresentar de forma sucinta os objetivos dos jogos, embora reduza a amplitude dos mesmos, possibilita ao leitor a compreensão do enfoque dado no decorrer da proposta.

- Exposição<sup>1</sup> – Objetivo do jogo: Perceber a importância da ação em cena.
- Sentindo o eu com o eu – Objetivo do jogo: perceber o próprio corpo nas diferentes partes solicitadas.
- Caminhada no espaço – Objetivo do jogo: Sentir o espaço com o corpo todo
- Quem é o espelho / Siga o seguidor – Objetivo do jogo: Refletir o movimento do outro, explorar a atenção e o trabalho coletivo.
- Relatando um incidente acrescentando colorido – Objetivo do jogo: Explorar as cores na narrativa de um incidente. Trabalhar a criação de narrativas.
- Parte do todo: objeto – Objetivo do jogo: Tornar-se parte de um objeto. Explorar a construção coletiva

A escolha por realizar somente jogos propostos por Viola Spolin deveu-se ao fato de apresentar para o grupo de agentes culturais um material de fácil acesso, devido a sua publicação e objeto de análise de diferentes pesquisadores, o que também ofereceu ao grupo a possibilidade de leitura de estudos e propostas que fizeram uso deste material em dissertações e teses disponíveis nas bibliotecas virtuais das universidades do país.

Neste primeiro encontro foi realizado com o grupo um painel conceitual que partiu das questões: O que diferencia o teatro das outras linguagens artísticas?; O que mobiliza uma pessoa a fazer teatro?; Por que alguém vai a um espetáculo teatral?; Como podemos definir teatro?

Juntamente a este painel foi apresentado e discutido o texto *Olhar a arte, ver a vida* de Desgranges (2010). A leitura do texto possibilitou a discussão do papel

do teatro e do sentido que a fruição da obra de arte, assim como a experiência de criação pode dar na vida, na conquista de um outro olhar para o cotidiano, nas possibilidades de ampliação das leituras que fazemos do que vivemos, dos conflitos pelos quais passamos, da percepção das pessoas com as quais nos relacionamos.

A proposição de que cada participante escrevesse uma cena teatral buscou que este momento de escrita trouxesse uma reflexão criativa sobre o que havia sido experimentado naquele momento, tanto na realização dos jogos como na reflexão pautada pela leitura e discussão. Além desta reflexão, a escrita de uma cena possibilitava uma maior compreensão de aspectos do fazer teatral, já que para imaginar uma cena era necessário se remeter a possibilidade de representação da mesma.

A primeira cena criada e aqui apresentada mostra a maneira como esta participante percebeu e transformou em cena os jogos realizados e a reflexão sobre o sentido do teatro.

Cena I: Do espelho

Três pessoas se olham ao mesmo tempo num espelho pequeno, uma querendo tomar o lugar da outra para poder se ver. Puxando, empurrando, e se esticando, o trio fica neste movimento até que uma quarta, vestida de branco, pega o espelho o joga no chão, quebrando-o em várias partes. Depois cada um pega uma parte e sai.<sup>ii</sup>

No segundo encontro, que teve como enfoque central a dramaturgia, foram realizados os jogos:

- Leitura de um texto teatral - Objetivo do jogo: Explorar diferentes formas de leitura de um mesmo texto ou frase.
- Relatando um incidente acrescentando colorido - Objetivo do jogo: Recriar uma história incluindo as cores conforme ela é narrada.
- Vendo o mundo - Objetivo do jogo: Ampliar a percepção sensorial na narração de uma experiência pessoal.

Neste momento refletimos texto de Ryngaert (1995) que discute a relação entre a escrita dramática e a encenação. O contato com um texto dramático possibilitou que a escrita de Patrícia se transformasse, incluindo o diálogo como estrutura da escrita, o que evidencia uma outra percepção da cena e da fala como parte da encenação.

Diálogo ou monólogo

- Bem, vamos lá... Me conte sua história!
- Bom, por onde começo? (Pensando)
- Deixa que eu começo!
- Sim, pois não!
- Bem acho que...
- Pronto! Já sei... bem,
- E se fizermos em sentido horário?
- É que eu já sei o que vou dizer!
- Sim, me desculpe!
- Vamos lá (...) bem pensando bem gostei da sua idéia de fazer no sentido do relógio!

- Bom então quem começa?
- Pode ser eu se você não se importar?
- Claro, mas seja BREVE!
- É difícil para mim, mas vou tentar.
- Por que? É de gêmeos?
- Não, é que minha história é muito forte!
- Entendo, a minha também!
- Quer começar então?
- Vocês estão muito gentis, comecemos logo.
- Você está com pressa? Se quiser eu começo imediatamente!
- Desculpe, te interromper, mas acho mais coerente eu começar.

Nos encontros seguintes foram realizados jogos que possibilitaram a compreensão da cenografia, iluminação, figurino e sonoplastia dentro de uma montagem teatral<sup>iii</sup>. Além da realização de jogos foram apresentadas imagens e textos como material de apoio para a discussão do sentido que estes elementos podem tomar. Para cada um, foi proposta a criação de um texto dramático, de uma criação que tivesse como enfoque o aspecto trabalhado.

Foi solicitado para o último encontro que cada participante produzisse um texto dramático como reflexão de todo o trabalho realizado. No texto apresentado por Patrícia é perceptível a forma como ela se apropria dos diferentes elementos da cena, incluindo de forma dramática sua reflexão sobre a compreensão do teatro.

#### CENA<sup>iv</sup>: Um Apólogo

Cenário: vários cabides de madeira de diferentes tipos e tamanhos com camisas, camisolas e vestidos brancos pendurados de forma a formar no centro do palco uma tela, alguns cabides estão mais abaixo outros tocam o chão outros estão mais acima e assim até formar um painel no meio e não tão ao fundo do palco. Há, mais a frente do lado direito uma caixa ou baú de vime grande.

Luz no painel e na caixa, a caixa abre devagar e sai uma personagem magra e alta, usando um colar preto que só se deixa ver o rosto também escurecido, ele usa um óculos de tesoura aberta, uma fita métrica no pescoço como uma gravata borboleta, um cinto grosso de carretilhas, dedais e tesouras de vários tamanhos. Logo depois sai outra personagem mais baixa e com pedaços de tecidos em volta de um colar preto, com voltas e voltas de cianinhas, botões, lantejoulas, lãs grossas, rendas, elásticos, entre outros viamentos. A primeira figura encara a outra que ao sair da caixa a fecha e senta-se:

- *Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?*

- *Deixe-me, senhora.*

- *Que a deixe? Que a deixe, por que? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim e falarei sempre que me der na cabeça.*

- *Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.*

- *Mas você é orgulhosa.*

- *Decerto que sou*

- *Mas por quê?*

- *É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?*

- *Você? Esta agora é a melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?*

- *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*

- Sim, mas vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

De repente há um barulho e as duas personagens linha e agulha entram na caixa, mas o susto e a correria as deixam atônitas. Então uma luz forte ilumina o painel e a sombra de duas mãos que pegam uma agulha e uma linha e começam a fazer movimentos de costura. Logo a luz se espalha iluminando as duas personagens em posição de tango, a agulha tenta o tempo todo inibir a linha que roda, roda e roda e orgulhosa a agulha diz:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não diz nada e continua a rodar, se deixando levar pela agulha. A luz ilumina, a dupla dançante passa até que ambas vão por trás do painel e a agulha rapidamente troca de par. Ela dança agora com uma mulher de vestido longo, babado, cheio de fitas e flores. Eles se afastam e se olham, a luz separa as duas com um foco para cada personagem, a música vai abaixando e dando lugar a uma sanfona dramática, a moça olha a agulha e a voz apenas da linha diz:

- Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá<sup>v</sup>.

A moça continua girando com seu vestido até sair de cena, e a agulha vai até a caixinha de costura, triste. A música diminui, a luz foca apenas na agulha, o cenário fica também escuro. A música termina e a agulha entra na caixa devagar, atordoada.

Fim de cena.

O texto apresentado como reflexão sobre o curso nos mostra com clareza a importância dos elementos da cena anteriormente trabalhados. Patrícia faz uso de um conto com o qual já possui conhecimento prévio ao curso, e que recupera aspectos de sua vivência com a costura, por ser esta prática algo presente em sua família e em sua vida.

A apropriação que faz do texto de Machado de Assis transforma-o em cena, o que nos permite intuir que haver vivenciado práticas teatrais tanto por intermédio dos jogos, como da escrita criativa possibilitou uma nova compreensão do teatro e de suas possibilidades de diálogo com sua forma de ler o mundo.

#### Referências Bibliográficas

DESGRANGES, F. *Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo*. São Paulo: Ed. Hucitec: Edições Mandacaru, 2010.

RYNGAERT, J.P. *Introdução à análise do teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SPOLIN, V. *Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Os jogos aqui propostos foram retirados de SPOLIN, 2001.

ii Os textos aqui apresentados foram escritos por Patrícia Freire, uma das participantes do curso do qual este trabalho parte. A escolha de colocar esta produção como citação se deve ao fato de serem textos desta autora. Não foi incluída qualquer referência bibliográfica dos mesmos, pois os textos não estão publicados. A autora autorizou a utilização dos mesmos.

iii Os jogos propostos, assim como os textos apresentados não foram aqui expostos pelas dimensões deste artigo.

iv Cena inspirada no conto *Um Apólogo* de Machado de Assis.

v Os textos em itálico são citações de trechos do conto *Um Apólogo* de Machado de Assis.